

A CURIOSA HISTÓRIA DA CALCINHA: DA ROMA ANTIGA AOS DIAS ATUAIS

The curious history of panty: from ancient Rome to current days

Viggiani, Maria Fernanda S.; Especialista; UniCesumar, mafersv@hotmail.com¹
Vallim, Cibelle Akemi; Doutoranda; Universidade Anhembi Morumbi,
cibellevallim@gmail.com²

Resumo:

Este artigo tem como objetivo estudar a história da calcinha desde a Roma antiga até os dias atuais, analisando sua evolução aos longos dos anos. A metodologia utilizada pauta-se em revisão bibliográfica pelo método dedutivo. Através desse estudo são perceptíveis as mudanças – inclusive no formato e tamanho – que a calcinha sofreu durante sua história, assim como a importância do seu desenvolvimento e evolução junto à mulher.

Palavras chave: Lingerie; Moda; Peças íntimas.

Abstract:

This paper aims to study the history of panties from ancient Rome to the present day, analyzing its evolution over the years. The methodology used is based on a bibliographic review using the deductive method. Through this study, the changes - including the shape and size - that panties underwent during their history are noticeable, as well as the importance of their development and evolution with women.

Keywords: Lingerie; Fashion; Underwear.

Introdução

A história da calcinha é considerada recente se comparada às demais peças de vestuários, inclusive se comparada ao espartilho que também é considerado como peça íntima. Porém, ao longo de sua história, a calcinha sofreu diversas transformações, as quais serão abordadas neste trabalho, já que ao longo de seu desenvolvimento pode ser observada

¹ Docente no curso de Moda da Faculdade do Interior Paulista (FAIP). Especialista em Direito da Moda pelo UniCesumar EAD (2020), em Moda: Produto e Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (2011) e em MBA Executivo: Gestão Empresarial pelo Centro Universitário de Maringá (2011). Bacharel em Moda pelo Centro Universitário de Maringá (2009).

² Doutoranda em Design pela Universidade Anhembi Morumbi. Mestre em Gestão do Conhecimento pelo Centro Universitário de Maringá (2017). Especialista em Moda: Produto e Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (2005). Bacharel em Moda pelo Centro Universitário de Maringá (2003).



uma lacuna nos estudos brasileiros da história com foco nas calcinhas, pois muitos estudos são voltados para as peças íntimas como um todo, ou ainda, exclusivamente ao espartilho.

Nessa premissa, este trabalho tem como objetivo estudar a história cronológica da calcinha, iniciando-se na Roma e Grécia antigas até os dias atuais, analisando seus formatos e tecidos. Para tanto, a metodologia utilizada pauta-se em revisões bibliográficas por meio do método dedutivo. Autores com produções dedicadas exclusivamente a história das peças íntimas como Otávio Nazareth (2007) e a britânica Rosemary Hawthorne (2009) foram fundamentais para a elaboração e desenvolvimento do presente artigo.

Da calçola ao final do século XIX

A calcinha tem uma história recente se comparada a de outros vestuários, sofrendo inúmeras transformações durante sua existência. Até a última década do século XVIII as mulheres não se importavam em ter uma peça de roupa específica para ser usada por baixo da roupa, onde toda a vestimenta da época – saia longa, anáguas, corpete e camisola – era o suficiente e considerado saudável.

Na Grécia e Roma antigas homens e mulheres usavam um tipo de tanga, a fim de proteger as partes íntimas e manter as mesmas aquecidas. Este tipo de tanga nada mais era que um pedaço de tecido de linho que passava por entre as pernas e amarrava-se na cintura. Todavia, a peça não foi considerada roupa de baixo, pois no calor esta era usada como única veste no corpo (LAVÉR, 2005).

Na Idade Média a sociedade ocidental vivia de acordo com as normas da Igreja Católica, a qual pregava que as mulheres eram consideradas um pecado carnal obrigando-as a usar camisolas longas, de manga comprida e tecido grosso, para cobrir o corpo até mesmo na hora do banho. Ao sair para guerrear nas cruzadas, os cavaleiros medievais colocavam em suas esposas o cinto de castidade - o qual era produzido em ferro e fechado com um cadeado que apenas o marido possuía a chave -, preocupados com a integridade e/ou a fidelidade de suas mulheres (NAZARETH, 2007).

De acordo com Colavitti (2009) até meados do século XVIII, no ocidente, considerava-se como peças exclusivas masculinas os calções, produzidos de tecidos finos e sedosos, também conhecidos como ceroula. Dessa forma, as mulheres que



ousassem vesti-los eram consideradas “criaturas libertinas e de moral duvidosa”. Nesse contexto, as jovens consideradas “sérias” não usavam nada por debaixo de vestimentas, ficando a cargo apenas das anáguas, dos corpetes e uma camisola que tinha contado direto com a pele, sendo estas as peças consideradas íntimas femininas.

Na década de 1790, a moda europeia sofreu mudanças drásticas com a Revolução Francesa, o que levou a simplificação do vestuário em toda Europa. Por volta de 1800 surgem as calcinhas, sendo o primeiro modelo conhecido como calção ou *pantaloons* – que chegava abaixo dos joelhos ou até os tornozelos e era feito com um tecido “cor de carne” parecido com o tecido das meias finas. Na Europa, por volta de 1820, esta peça era tida como essencial no guarda-roupa apenas das duquesas; enquanto na América havia as *pantalettes*³, que foram incorporadas no guarda-roupa por volta de 1820 e 1850, e que possuíam formatos “folgados arrematados com babados na extremidade de cada uma das pernas”. (HAWTHORNE, 2009, p. 16).

Até meados do século XIX as mulheres vestiam metros e metros de tecidos opacos, sendo a primeira camada a camisola de baixo, depois os “calções divididos” e o espartilho, e por cima o corpete; após tudo isto era colocada as ferragens da anágua com armação (crinolina) e por cima uma série de anáguas simples, para finalmente colocar o vestido. Hawthorne (2009) descreve que neste período as peças de íntimas não possuíam qualquer enfeite para não chamar a atenção, pois falar sobre estas peças era considerado um tabu. Assim, os calções com abertura entre as pernas era considerado uma necessidade, facilitando a vida dessas mulheres ao fazer suas funções fisiológicas, devido sua modelagem composta por faixas para cada uma das pernas atadas a uma cinta larga e ajustada nas costas, com comprimento até o tornozelo, produzidos em popelina de algodão branca.

Laver (2005) relata que com o surgimento da máquina de costura em 1851 na cidade de Nova York - patenteado por Isaac Merrit Singer - as roupas íntimas começaram a ser confeccionadas com maior agilidade, aumentando a quantidade de acabamentos e adornos nas peças.

³ *Pantalettes*: diminutivo de *pantaloons* – termo americano do século XIX. (HAWTHORNE, 2009, p.16).

Por volta de 1860, os calções bufantes ficaram conhecidos como *knickerbockers*, e algumas mulheres usavam-no embaixo das amplas crinolinas quando praticavam atividades físicas, tais como: jardinagem, caminhadas vigorosas ou subidas de encostas. A autora Hawthorne (2009) descreve estes calções com os fundilhos fechados, produzidos de cambraia com um fino arremate em babados bordados com ajustes feitos por botões laterais ou cordões para prender à cintura. Estas peças podiam conter as iniciais de seus donos, o que era feito apenas pelas camadas privilegiadas.

No início do século XX, durante o reinado de Eduardo VII, as mulheres inglesas trajavam algumas das roupas mais belas que se viu até então. Rendas, blusas de gola alta ressaltando os seios, cinturas bem marcadas e saias com longas caudas e cascatas de babados seguiam as charmosas damas. Com estes trajes, a roupa íntima era menos volumosa, tornando as combinações uma opção popular usadas sob os espartilhos, também ficando conhecidas como ceroulas e calças bufantes, produzidas em finas musselinas de Mull com “fecho frontal com uma fileira de botões forrados de tecido, e as barras largas são arrematadas por grandes babados de renda” (Hawthorne, 2009, p. 54).

Segundo Hawthorne (2009) o primeiro modelo de calcinha francesa não poderia ser outro se não aquelas cheias de babados que hipnotizaram a plateia masculina frequentadora do *Moulin Rouge* no fim do século XIX. As ondas das rendas brancas contrastavam com as meias de seda preta e as saias vermelhas das dançarinas de cançã, criando um efeito bastante erótico.

No contexto deste capítulo fica perceptível que as mudanças nas calcinhas ocorreram de maneira lenta, com formato grande que não passava a cima do joelho, com tecidos desde o linho e o algodão até as aplicações das rendas, além de serem produzidas exclusivamente para proteção das partes íntimas das mulheres.

Início do Século XX aos dias atuais

O período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) trouxe o romantismo, e com ele o período em que as esposas e namoradas bordavam as insígnias dos regimentos dos amados nas suas próprias roupas de baixo. Entretanto, a padronagem mais comum era



com desenhos de borboletas, já que na cultura chinesa uma borboleta significa felicidade e duas juntas significam felicidade conjugal. (HAWTHORNE, 2009).

As mudanças ocorridas na Europa durante os quatro anos da Primeira Guerra marcaram o nascimento da verdadeira mulher “moderna” que exibia mais o corpo. O autor Nazareth (2007) corrobora ao afirmar que neste período a moda torna-se mais simples e as roupas mais fáceis de serem vestidas, deixando de lado os espartilhos de barbatana e alguns costumes vitorianos. A “camisola envelope” foi a primeira precursora dos atuais *baby-dolls*, produzidas com tecidos mais finos para serem utilizadas junto aos vestidos com modelagens mais retas e simples, comprimento mais curto, que iam da cintura até os joelhos. Neste período também que surgem os elásticos, pois antes as cintas-ligas eram presas com pequenas molas de arame.

No final do conflito, em 1918, as peças íntimas tornaram-se menores e mais leves, produzidas de *crepe de Chine*, sendo que o branco deixou de imperar dando espaço às cores, voltando ao uso a cor pêssego (“cor de carne” de antigamente), além de serem adornadas com rendas, fendas laterais nas pernas e elástico na cintura. (HAWTHORNE, 2009).

Na década de 1920 as mulheres vestiam-se como meninos, com as saias até os joelhos, nada de seios fartos e nem de traseiros em evidência, ou seja, nada de curvas no geral. Colavitti (2009) destaca as melindrosas para este período, com as barras das saias até a altura dos joelhos, dançando o *charleston*, revelando como as roupas íntimas haviam sido reduzidas, surgindo o “modelo *directoire*”, nome dado para as calcinhas fechadas com elástico na cintura e nas pernas que retrocederam até os joelhos, adornadas com faixas largas de cetim e apliques de renda nas laterais.

Na década de 1930, Hollywood (EUA) tornou-se uma forte influência sobre a moda e fez com que a forma física tomasse conta das mulheres. É nesta época que aparece o corte enviesado (criado por Madeleine Vionnet), para deixar as mulheres mais esguias, elegantes e *sexys*; com os modelos externos mais ajustados, a roupa íntima acompanhou a tendência com as camisolas-calcinhas, que ficaram conhecidas como *teddy*, e os *caleçons* agora com corte enviesado e confeccionados à máquina com

acabamentos e apliques feitos à mão, produzidos em seda, continuavam enfeitados com fitas e apliques de renda nas fendas laterais. (MOUTINHO; VALENÇA, 2005).

No período entre Guerras um novo tecido passou a ser muito usado, o *rayon* que tinha aparência e toque luxuriante da seda, tornando-se ideal para as roupas íntimas, além de o preço ser menor, tornando-se um substituto da seda. O autor Nazareth (2007) ressalta que com a concorrência muito forte, os fabricantes de lingerie de seda verdadeira tiveram que convencer as mulheres que o seu produto continuava sendo o melhor.

No princípio do século XX a renda negra, totalmente sintética, que já existia desde o século XVI, passou a ser um componente essencial das lingers, ficando mais conhecida como náilon, que foi patenteado pouco antes da Guerra pela empresa americana Du Pont servindo para materiais bélicos, sendo que algumas sobras ou paraquedas velhos serviam para as mulheres transformá-los em peças do vestuário, inclusive roupa íntima. Entretanto, este tecido possuía uma desvantagem, era um tecido denso e quente demais para ser utilizado como peça íntima. (HAWTHORNE, 2009).

Após a 2ª Guerra Mundial, o “*New Look*” de Christian Dior devolve a feminilidade às mulheres, voltando a silhueta curvilínea com cintura marcada, saias longas e rodadas e lingers vaporosas. Para esta época, Nazareth (2007) descreve que a modelagem mais usada para peças íntimas ainda era o *caleçon*, porém as moças mais jovens davam preferências às “*sunguetes*” mais justas e curtas (as atuais calcinhas das vovós), feitas de náilon liso ou estampado e tecido de acetato, e muitas recebiam acabamentos de babados e rendas. Assim, a sociedade “descartável” começava a ganhar forma com roupas íntimas sintéticas, que eram mais fáceis de lavar e conservar.

As autoras Moutinho e Valença (2005) relatam que a década de 1960 foi o reinado da minissaia e os jeans e calças já eram unissex; para acompanhar essa mudança a lingerie tinha que ser mais justa, e é então que nasce a calcinha tipo biquíni, de náilon *stretch*, com cores vibrantes e padronagens chamativas.

Nos anos 1970 e 1980, ganham popularidade os *bodies* com a febre das academias e aulas de aeróbicas, mudando as características da calcinha para um modelo mais cavado, conhecido como “modelo delta”, produzidos com tecidos de náilon para

ficarem ajustados ao corpo e com cores vibrantes. Já nos anos 1990 as calcinhas prezavam pelo conforto e pelo minimalismo, ao mesmo tempo em que ofertavam modelos mais sensuais fabricados de renda. (MOUTINHO; VALENÇA, 2005).

A tendência agora é utilizar os tecidos tecnológicos, os quais permitem melhor “respirabilidade” das partes íntimas das mulheres, além dos tecidos sustentáveis, feitos com tecidos de bambu, por exemplo. Surgem as calcinhas sem costura, com tecidos compostos por fios bem mais finos e com alta capacidade de transpiração, além de possuir um acabamento especial à base de silicone, estas que possibilitam as mulheres de usarem as calcinhas sob o vestido sem aparecer, pois aderem ao corpo como uma segunda pele. (NAZARETH, 2007).

E as novidades em calcinhas não pararam, a marca 2Rios desenvolveu uma calcinha em tecido com proteção permanente contra fungos e bactérias que, além de ser hipoalergênicos e antiodores, possui um agente químico especial conhecido como “tecnologia *Fresh*”, mesmo método utilizado em lençóis hospitalares. Dessa maneira, as calcinhas têm sido recomendadas inclusive para mulheres em pós-operatórios e pós-parto. (REDAÇÃO GLAMOUR, 2017).

Outra novidade para as calcinhas está nas “calcinhas menstruais absorventes” pensadas para o período menstrual da mulher e na sustentabilidade. No Brasil a marca Herself foi pioneira neste produto, que conta com três camadas de tecidos de fibras naturais e sintéticas garantindo que não ocorra vazamentos, além de garantir um tratamento específico de hidroabsorção, potencializando a absorção, e também antimicrobiano, para controlar a proliferação de fungos e bactérias diminuindo os odores, enquanto o tecido externo é beneficiado com hidrorrepelente, a fim de repelir sujeiras, água e óleos. (MENDES, 2018).

Neste capítulo ficaram evidentes as mudanças sofridas pela calcinha, desde a diminuição de seus tamanhos até os tecidos cada vez mais específicos para a função de proteger a mulher. No entanto, a questão estética também tem se destaca nas últimas décadas, deixando as mulheres cada vez mais *sexys*. Dessa maneira, constata-se que a história da calcinha ainda irá evoluir muito, tanto em seu formato quanto nos tecidos e inovações, a fim de propiciar cada vez mais conforto e sensualidade às mulheres.



Considerações Finais

As calcinhas sofreram diferentes transformações desde seu surgimento até a atualidade, sendo mudanças nos tecidos, nos formatos e nos tamanhos, principalmente. Nessa evolução fica perceptível a importância da calcinha para as mulheres, assim como a importância da mesma proporcionar conforto, usabilidade, segurança e uma estética agradável. As opções de escolhas só aumentaram durante sua evolução, ofertando cada vez mais liberdade as suas usuárias. Posto isso, nota-se a relevância de haver estudos mais aprofundados sobre essa peça íntima tão curiosa e tão essencial às mulheres.

Referências

COLAVITTI, Fernanda. **A história das calcinhas**: uma historiadora de moda inglesa conta em livro a evolução da peça íntima feminina. 26/07/2009. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT84464-15228-84464-3934,00.html> Acesso: 10 maio 2021.

HAWTHORNE, Rosemary. **Por baixo do pano**: a história da calcinha. Tradução: Daniela Dias. São Paulo: Matrix, 2009.

LAVIER, James. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MENDES, Jéssica. Calcinhas especiais revolucionam o período menstrual. In: **Beta**. 29 nov. 2018. Disponível em: < <https://medium.com/betaredacao/tecnologia-aplicada-%C3%A0-ind%C3%BAstria-t%C3%A0xtil-5dd32671f859>>. Acesso em: 10 maio 2021.

MOUTINHO, Maria Rita; VALENÇA, Máslova Teixeira. **A Moda no século XX**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2005.

NAZARETH, Otávio. **Intimidade Revelada**. São Paulo: Olhares Editora, 2007.

REDAÇÃO GLAMOUR. Marca lança lingerie com tecnologia contra fungos e bactérias. In: **Revista Glamour**. 14 set. 2017. Disponível em: <<https://revistaglamour.globo.com/Moda/noticia/2017/09/marca-lanca-lingerie-com-tecnologia-contrafungos-e-bacterias.html>>. Acesso em: 10 maio 2021.

